

HISTÓRIA DOS INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL: DE MÃOS MISSIONÁRIAS À MÃOS PROFISSIONAIS

HISTORY OF SIGN LANGUAGE INTERPRETERS IN BRAZIL: FROM MISSIONARY HANDS TO PROFESSIONAL HANDS

Neiva de Aquino Albres¹
Ana Paula Jung²

Resumo: A atuação de tradutores intérpretes de língua de sinais (TILS) vem se destacando na mesma medida em que sua profissionalização vai sendo construída no decorrer do tempo, o que acontece a partir de um conjunto de ações políticas, do acúmulo de conhecimentos produzidos e dos reflexos de diversos movimentos associativos. A partir dos anos de 1980 os *intérpretes de linguagem de sinais (ILS)* vão se consolidando nas comunidades surdas no Brasil. Neste sentido, o presente estudo inscreve-se no campo da história da tradução a partir da busca e da análise de registros históricos sobre ILS e sobre sua atuação. O corpus de análise é composto por registros videogravados em Língua Brasileira de Sinais (Libras) com a participação de três líderes surdos da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) concedendo entrevistas, nas quais narram a consolidação do serviço de interpretação, nomeando alguns intérpretes que apoiam a entidade em seu início, como também uma entrevista com alguns dos intérpretes que atuaram nos anos de 1980. Metodologicamente, este estudo se desenvolveu pautado na perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem proposta por Bakhtin e o círculo, tendo como objetivo analisar registros históricos sobre a consolidação do profissional tradutor e intérprete de Libras-português no Brasil. Constata-se que a constituição dos intérpretes pioneiros se deu nas comunidades surdas e que a formação dava-se pela experiência constituída nas relações de alteridade, onde os primeiros intérpretes indicados tinham uma participação muito atrelada ao contexto religioso, em contrapartida à realidade atual, em que prima-se pela formação e profissionalização.

Palavras-chave: História de Tradutores Intérpretes da Língua Brasileira de Sinais e Português. História Oral. Estudos da Tradução. Estudos da Interpretação.

¹ Pós-doutora pela Universidade de São Paulo, doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Professora no Departamento de Língua de Sinais Brasileira - DLSB e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Membro do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais - (InterTrads-UFSC). Santa Catarina, Brasil. E-mail: neivaaquino@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1567-297X>.

² Mestra em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2022). Especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM (2011) e Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC (2006). Docente efetiva do IFSC Campus Palhoça Bilíngue. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Educação e Tecnologias em Língua de Sinais (IFSC - Palhoça) e do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais - InterTrads (Centro de Comunicação e Expressão/UFSC). Santa Catarina, Brasil. E-mail: jung.ana@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6691-4230>.

Abstract: The performance of sign language interpreters and translators (SLIT) has been standing out to the same extent that their professionalization is being built over time, which happens from a set of political actions, the accumulation of knowledge and the outcome of various associative movements. From the 1980s onwards, sign language interpreters (SLI) have been consolidating in deaf communities in Brazil. In this regard, this study is part of the translation history field, based on the search and analysis of historical records about SLI and their performance. The corpus analysis consists of videotaped records interviews, in Brazilian Sign Language (Libras), with the participation of three deaf leaders from the National Federation of Education and Integration of the Deaf (Feneis), in which they narrate the interpretation service consolidation, naming some interpreters who supported the entity in its beginnings, as well as an interview with some of the interpreters who worked in the 1980s. Methodologically, the development of this study was based on the enunciative-discursive perspective of language proposed by the Bakhtin Circle, aiming to analyze historical records about the consolidation of the professional interpreter and translator of Libras-Portuguese in Brazil. It finds that the constitution of pioneer interpreters took place in deaf communities and that training occurred through experience constituted in relationships of otherness, given that the first indicated interpreters participation was very linked to the religious context, in contrast to the current reality, in which training and professionalization are paramount.

Keywords: History of Interpreter Translators of Brazilian Sign Language and Portuguese. Oral History. Translation Studies. Interpretation Studies.

Introdução

Desde que surdos falantes de língua de sinais existem, há intérpretes que fornecem algum tipo de mediação entre eles e as pessoas ouvintes que desconhecem essas línguas de sinais. Neste sentido, os intérpretes de línguas de sinais aprendem que sua atividade tem raízes profundas na comunidade surda. Além dos intérpretes que mediavam a comunicação de pessoas surdas no contexto familiar e social, muitos vestígios históricos desta atividade apontam para o fato que seu trabalho começou na atuação voluntária no contexto religioso e na prestação de serviços sociais no século XIX (COKELY, 2005).

Há registros no Brasil (ROCHA, 2008; 2009) indicando que a língua de sinais era usada muito antes que a ela fosse atribuído o status de língua (STOKOE, 1960). Assim, desde os primórdios de sua existência estas línguas promoviam um meio de comunicação criativa entre surdos e seus familiares ou amigos ouvintes. Em grande medida, foi a partir dessa forma de comunicação que a consolidação de comunidades surdas foi se constituindo no decorrer do tempo.

A natureza da atuação de um intérprete de língua de sinais mudou drasticamente ao longo dos anos e a profissão de tradutores intérpretes de Língua Brasileira de Sinais - Libras

- e Língua Portuguesa tem seu desenvolvimento concomitante ao reconhecimento desta língua e dos surdos como minoria linguística, diferentemente do que aconteceu no contexto de profissionalização de intérpretes de línguas orais. De acordo com Carneiro (2017),

Em termos mundiais, o aspecto da profissionalização é o fator mais distintivo entre a formação dos intérpretes de línguas orais e de sinais, devido à maneira como essa atividade se tornou uma profissão, nos dois casos. Enquanto a interpretação de línguas orais ganhou reconhecimento profissional em ambientes de conferências, a atividade da interpretação de línguas de sinais foi se tornando uma profissão nos ambientes comunitários (assistência médica, jurídica e em outros serviços públicos a surdos). Dessa forma, os intérpretes de línguas de sinais, tradicionalmente, se acostumaram antes a trabalhar em ambientes dialógicos e interativos do que com interpretação simultânea unidirecional, típica da interpretação de línguas orais (CARNEIRO, 2017, p. 06).

Esta atuação dos intérpretes no plano da vida real e cotidiana antecedeu sua atuação formal e institucionalizada. Por séculos, os surdos usufruíram especialmente da interpretação em igrejas, muito tempo antes da criação de entidades representativas desta comunidade. No caso do Brasil, a atuação de intérpretes no contexto religioso se deu muito tempo antes que a Federação Nacional de Educação de Surdos (Feneis) fosse criada ou que os surdos tivessem direitos garantidos nas escolas, na saúde ou na justiça. Assim, é possível observar que antes mesmo do reconhecimento da Libras como uma língua, a interpretação tinha um forte alicerce na religião e na doutrinação, que permitia aos surdos se comunicarem por meio da Linguagem de Sinais do Brasil³ em templos religiosos. Conforme Hoemann, Oates e Hoemann (1983),

Onde quer que pessoas surdas tiveram a oportunidade de se associar em clubes, igrejas e nas casas uma das outras, elas desenvolveram uma herança cultural rica e um meio de comunicação visual complexo conhecido como Linguagem de Sinais. O Brasil é um dos países em que as pessoas surdas gozam dessa liberdade de movimento, e a Linguagem de Sinais do Brasil é uma das importantes Linguagens de sinais no mundo hoje (HOEMANN, OATES & HOEMANN, 1983, p. 19).

No Brasil, nas escolas, por muito tempo o uso da língua de sinais era proibido. Esta proibição persiste até por volta dos anos 1990, principalmente, diante da expectativa de

³ A denominação da Libras tem se modificado ao longo dos anos. Neste trabalho, quando tratarmos de fatos dos anos de 1980 e 1990 adotamos a denominação “Linguagem de Sinais do Brasil”, “Linguagem de Sinais”, ou “mímica” assim como “intérpretes de Linguagem de Sinais”, geralmente usada na época.

aprendizagem da fala por meio da oralização e da leitura labial, devido ao fato de que a educação de surdos esteve alicerçada, por um extenso período, na abordagem oralista.

Assim, durante muito tempo, a sociedade manteve os surdos marginalizados. Atualmente, há um conjunto de leis que garante direitos à saúde, à educação, ao lazer em sua língua, favorecendo a promoção da inclusão. Mas, por muitos anos as leis indicavam que os surdos não podiam participar da sociedade como cidadãos plenos (SOARES, 1999).

Neste trabalho, nos interessamos em investigar como desponta a interpretação da esfera religiosa para a esfera social geral e sua contribuição para os movimentos sociais surdos de luta pelos direitos linguísticos. Este artigo, portanto, busca estabelecer um espaço de reflexão sobre o cenário inicial de constituição intérpretes de língua de sinais no Brasil, registrando alguns dos caminhos já trilhados e indicando algumas das mudanças vividas.

Pressupostos da filosofia da linguagem em perspectiva dialógica

Apresentamos nesta seção o conceito de língua e intérprete/interpretação que embasam a nossa pesquisa e sua relação com os modos de conduzir a investigação. Fundamentadas em Bakhtin e o círculo, a língua é concebida como uma atividade essencialmente social. Nesse sentido, é definida

como um fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação (enunciado) ou enunciações (enunciados), e não constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas [língua como sistema de formas – objetivismo abstrato] nem pela enunciação monológica isolada [língua como expressão de uma consciência individual – subjetivismo individualista], nem pelo ato psicofisiológico de sua produção [atividade mental]” (BAKHTIN, 1992, p. 123, grifos do autor).

A concepção dialógica da linguagem contribui para se compreender a interpretação em movimento, então

[...] considera-se que o intérprete é um profissional que atua na fronteira de sentidos das línguas de sinais - línguas orais, e desenvolve, portanto, um trabalho de e com a linguagem, razão pela qual seu conhecimento deve transcender ao da gramática; ele deve conhecer o funcionamento das línguas, seus diferentes usos a depender das esferas de atividade humana nas quais elas são enunciadas. Isso porque, ao se assumir que a língua se materializa nas enunciações, tem-se que o foco desta prática se volta para o enunciado concreto, para os sentidos nele presentes em sua intrínseca relação com a cadeia ininterrupta de comunicação verbal (LODI, PELUSO, 2018, p. 129).

Por este viés, fica evidente que os intérpretes atuam essencialmente com a linguagem em processo de interação, em movimento e com alto grau de dependência do acabamento que seus interlocutores darão à mensagem que será enunciada. O próprio intérprete é um mediador e um interlocutor presente, mas que necessita deste outro para que sua atividade faça sentido, pois o ato interpretativo se constitui no diálogo e na interação. Lodi (2007) afirma que

[...] esta prática depende, fundamentalmente, de se estar entre interlocutores que dominem as línguas envolvidas, pois o ato de interpretar não pode ser considerado um ato solitário. Ele se constitui em forma de diálogo, de interação verbal e, assim, “locutor/intérprete/interlocutor participam ativamente, na medida em que, por serem potencialmente infinitos, os sentidos só podem ser construídos e atualizados se em contato com outros sentidos” (LODI, 2007, s./p.).

Essa concepção de intérprete como mediador e como membro de um processo de interação pauta-se na perspectiva dialógica da linguagem, já que para Volóchinov (2017) os enunciados são

[...] as unidades reais do fluxo da linguagem. Não obstante, justamente para estudar as formas dessa unidade real, não se pode isolá-la do fluxo histórico dos enunciados. O enunciado em sua totalidade se realiza apenas no fluxo da comunicação discursiva. A totalidade é determinada pelas fronteiras que se encontram na linha de contato desse enunciado com o meio extraverbal e verbal (isto é, com outros enunciados) (VOLÓCHINOV, 2017, p. 221).

Nos estudos de Bakhtin e o círculo encontramos um conjunto de conceitos que imprimem esse caráter de constante transformação. Como explica Brait (2008),

[...] a concepção de enunciado/enunciação não se encontra pronta e acabada numa determinada obra, num determinado texto: o sentido e as particularidades vão sendo construídos ao longo do conjunto das obras, indissociavelmente implicados em outras noções também paulatinamente construídas (BRAIT, 2008, p. 65).

Constituído pelos elementos verbais e extraverbais, é a concretude do ato enunciativo que lhe dá o tom, compreendido por três fatores, como explicam a autora: “(a) o horizonte espacial comum dos interlocutores (a unidade do visível) [...], (b) o

conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores, e (c) sua avaliação comum dessa situação” (BRAIT, 2008, p. 67).

Mover-se em uma investigação nessa perspectiva teórica é o mesmo que desenhar um percurso metodológico que suscita um olhar sobre os atos enunciativo-discursivos dos participantes da pesquisa a partir de seu contexto, provocando no pesquisador a sensibilidade para a observação e a interpretação das particularidades do evento, dos sujeitos envolvidos, das significações que podem ser apreendidas da interação comunicativa e o caráter ideológico imbricado no signo enunciado. Nesse sentido, apreender do discurso de líderes surdos sobre a constituição histórica dos intérpretes de linguagem de sinais⁴ nos anos de 1980 no Brasil se faz objeto desta pesquisa.

Metodologia

Esta pesquisa filia-se às investigações qualitativas que tomam os fenômenos sociais como objeto de estudo (YIN, 2000). O objetivo deste trabalho é analisar registros históricos sobre a consolidação do profissional intérprete de língua de sinais no Brasil.

Configura-se como um estudo documental. A pesquisa documental consiste em técnicas para coletar, compreender e analisar materiais, que devem responder às questões iniciais, extraindo as informações relevantes para compreender o fenômeno (FLICK, 2009). Dessa forma, examinamos registros videogravados em Libras contendo depoimentos de lideranças surdas que servem como arquivos documentais que registram a história da interpretação envolvendo a língua de sinais no Brasil, uma vez que em seus relatos esses surdos indicam os nomes de alguns dos intérpretes que atuavam no início dos anos 1980. Compõe também o arquivo documental deste estudo um conteúdo transmitido ao vivo pelo Youtube em português, com interpretação simultânea em Libras, onde estão presentes dois intérpretes que são citados pelos líderes surdos dos demais vídeos.

Desta forma, o conteúdo analisado é composto por vídeos sinalizados em Libras ou acessíveis nesta língua, disponíveis para acesso público na internet. Selecionamos os depoimentos de Ana Regina Campello, Antônio Campos de Abreu e Karin Strobel por

⁴ Adotamos a expressão “linguagem de sinais” em partes do texto considerando ser uma das formas de denominar a Libras nos anos de 1980 no Brasil. São expressões literais de relatos que funcionam como registro histórico da evolução social e terminológica sobre a língua utilizada pelos surdos brasileiros. Atualmente, a língua é denominada de “Língua Brasileira de Sinais” empregando a sigla LIBRAS. A despeito da problemática da nomenclatura “linguagem de sinais” deprecia a especificidade linguística e o status comunicativo das comunidades surdas pode ser mais bem aprofundado em Quadros e Karnopp (2004).

serem líderes da comunidade surda e terem, em momentos distintos, passado pela presidência da Feneis. Todos os depoimentos selecionados são de ordem pública conforme quadro 1.

Quadro 1: Fonte dos discursos dos líderes surdos analisados

Narrativas surdas	Fonte pública
Ana Regina Campello	https://www.youtube.com/watch?v=BU2pEEEjltc
Antônio Campos de Abreu	https://historiadesurdos.blogspot.com/2015/07/brasil-video-interprete-de-lingua-de.html?q=int%C3%A9prete
Karin Lilian Strobel	https://www.youtube.com/watch?v=YO7sy4FCaCc

Ao analisarmos os depoimentos das lideranças surdas, conscientes da noção de gênero discursivo, conceito nuclear presente no projeto epistemológico de Bakhtin e do Círculo, não perdemos de vista as características do "gênero entrevista". Na proposta de análise da construção composicional do discurso em entrevista permeada pela narrativa de experiências vividas, ou seja, discursos provenientes de entrevista ou exposição livre de memórias, produzido por líderes surdos sobre o contato com intérpretes de linguagem de sinais nos anos de 1980 pode-se depreender registros históricos valioso sobre a história dos intérpretes de língua de sinais no Brasil.

A partir da indicação de nomes que foram sendo citados pelos líderes surdos no conteúdo analisado, buscamos materiais sobre a trajetória profissional destes intérpretes. Dentre os documentos acessados, destacamos o vídeo proveniente de um projeto interinstitucional que visa registrar a trajetória de intérpretes de Libras pioneiros na profissão, conteúdo que também se encontra disponível para acesso público em meio virtual.

Quadro 2: Fonte dos discursos dos ILS analisados

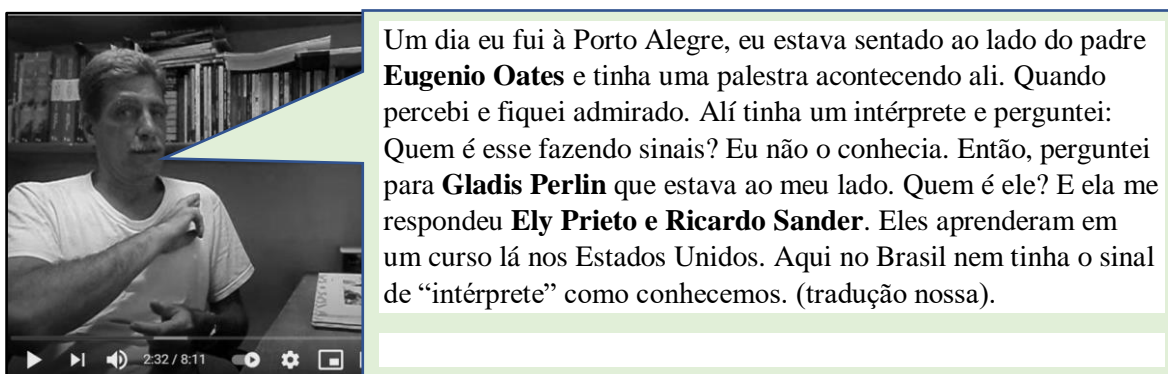
Narrativas dos intérpretes	Fonte pública
Ely Prieto e Ricardo Sander	https://www.youtube.com/watch?v=mbdFmbT1wMI&t=22s

Um pouco da história dos intérpretes de Língua de sinais nos anos de 1980 no Brasil.

Apresentamos nesta seção três personagens surdos cuja liderança tem importante peso histórico. Ao longo de suas trajetórias, estes surdos realizaram/realizam um amplo trabalho em prol do reconhecimento dos intérpretes de Libras-português no Brasil, ressaltando-se o fato de que todos trabalharam na presidência da Feneis e viveram momentos de luta em prol da língua de sinais nos anos de 1980, atuando até hoje em diferentes frentes político-educacionais. A Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) é uma entidade filantrópica e sem fins lucrativos, que foi fundada em 16 de maio de 1987 e atua até hoje na defesa de políticas linguísticas e educacionais, bem como ao acesso à cultura, ao emprego, à saúde e à assistência social, em favor da comunidade surda brasileira.

O atual presidente da Feneis é Antônio Campos de Abreu, que já foi presidente da entidade em gestões anteriores, além de ser um membro atuante em diferentes setores desde a sua criação. Recortamos um excerto de seu depoimento histórico sobre o ILS no Brasil. Esse vídeo foi produzido em 2015 e publicado em seu canal pessoal de historiador. A seguir apresentamos o excerto em que nomeia os intérpretes que atuavam nos anos de 1980.

Figura 1: Antônio Campos fazendo o sinal de Ricardo Ernani Sander



CAMPOS DE ABREU (2015)
Fonte: Blog História dos Surdos⁵.

Antônio relata com entusiasmo a sua surpresa ao chegar a uma palestra e perceber que estava sendo interpretada. Natural de Minas Gerais, ele estava em viagem a Porto Alegre (RS) e muito provavelmente já tivera presenciado a atuação de outros intérpretes em outras ocasiões, mesmo porque a comunidade surda, especialmente da capital Belo Horizonte, era bastante ativa e desenvolvida na época (década dos anos 1980), tanto em

⁵ Disponível: <https://historiadesurdos.blogspot.com/2015/07/brasil-video-interprete-de-lingua-de.html?q=int%C3%A9rprete>

relação ao uso da língua de sinais quanto aos aspectos relacionados à mobilização político social, pois já tinha constituída uma associação de surdos reconhecida nacionalmente. Apesar de ter seu Blog o contato com o inspetor de alunos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o Sr. Estevão Francisco, que Antônio considerava desenvolver atividade compatível com a atuação de intérprete nos anos de 1950, quando esteve diante de dois intérpretes em um evento, trabalhando em equipe e de forma mais sistematizada e coordenada, o marcou de maneira significativa, indicando em sua fala ser essa a primeira vez. O evento ao qual Antônio se referiu no vídeo analisado era o Seminário Internacional de Educação Religiosa, ocorrido no ano de 1984, em Porto Alegre.

No vídeo analisado, Antônio inseriu algumas fotografias desses primeiros eventos políticos em que os surdos contavam com a mediação de “intérpretes de linguagem de sinais”. As pessoas citadas em seu discurso foram Gladis Perlin⁶, à época uma freira surda que defendia a educação por meio da língua de sinais, tabu na época em que figurava as escolas e internatos católicos a educação oralista, e Eugênio Oates, um padre americano católico redentorista, autor do dicionário de sinais dos anos 1960, *Linguagem das mãos* (OATES, 1988). Antônio comenta ainda sobre um curso de formação⁷. Os cursos, mesmo os de língua de sinais, eram escassos e as igrejas foram os primeiros espaços a fornecer alguma formação de configuração contínua e sistematizada. A união entre alguns destes primeiros religiosos interessados na causa dos surdos culminou com a publicação do livro (HOEMANN, OATES, HOEMANN, 1983). Na igreja católica também havia um movimento de reconhecimento e registro dos sinais utilizados da língua de sinais, que foi liderado pelo padre Eugênio Oates.

⁶ A Prof^a Dr^a Gladis Perlin Possui graduação em Licenciatura em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1987), mestrado (1998) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003). Gladis foi a primeira surda a obter o título de doutora no Brasil. Atualmente é professora aposentada pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Surdos, atuando principalmente nos seguintes temas: Surdos, Identidade, Alteridade, Diferença, Cultura e Educação.

⁷ Ely Prieto relata que em 1980 reverendo George Kraus, presidente da associação amigos luteranos dos surdos (Mill Neck, Nova York) veio à escola luterana ministrar um curso de língua de sinais de uma semana, o qual ele e Ricardo Sander participaram juntos como cursistas, na verdade, era um curso língua americana de sinais (ASL). Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mbdFmbT1wMI&t=22s>

Figura 1: Seminário Internacional de Educação Religiosa em 1984



Fonte: Blog História dos Surdos

Logo esses dois “intérpretes de linguagem de sinais” passam a figurar em eventos fora do âmbito regional (sul do país), participando também de outros eventos sociais, não apenas religiosos. Na figura 3 é possível ver Ricardo Sander de calça e blusa branca e Ely Prieto, em pé ao seu lado, de calça jeans e blusa branca, enquanto Antônio Campos estava sentado na ponta da mesa de blusa xadrez. Ricardo e Ely faziam a interpretação na direção Libras-português quanto de português para Libras, trabalhando em equipe.

Figura 2: Seminário em Belo Horizonte em 1986



Fonte: Blog História dos Surdos

O evento realizado em Belo Horizonte em 1986 corresponde ao Seminário de Integração dos Deficientes Auditivos (A CONSTITUINTE, 1986). À época, era usual utilizar essa denominação, deficiente auditivo, em detrimento a utilização do termo surdo, que atualmente é mais popularizado.

Outro arquivo que assume status documental neste estudo é o conteúdo no qual está presente a professora surda Ana Regina e Souza Campello, pesquisadora, militante das causas surdas e ex-presidente da Feneis. No registro, Ana Regina concede entrevista para a Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Libras (ACATILS)⁸. Em sua narrativa, a pesquisadora indica o quanto era raro as pessoas conhecerem a “língua de sinais” nos anos de 1980 e que não se falava em “intérpretes de linguagem de sinais” em eventos.

Figura 4: Ana Regina Campello fazendo o sinal e Ely Pietro

⁸ O projeto tem o objetivo de contribuir para a formação dos Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais, trazendo experiências de pesquisadores e tradutores intérpretes renomados na área. Também faz parte das ações de formação indireta que a entidade oferece para seus sócios, pessoas envolvidas e interessadas na área e comunidade em geral.



CAMPELLO (2014)
Fonte: Canal da Acatils no Youtube⁹

Em 1981 eu fui em um congresso de pessoas com deficiências, realizado em Recife, evento em que participavam também outros surdos. Não tinha intérpretes, como sempre. Eu e os surdos estávamos discutindo em um grupo de trabalho, colocando nossas propostas no papel, e como um “milagre” aparece o **Ely Prieto**. Então, ele se apresentou: __ Eu sou ouvinte e eu sei Língua de sinais. Perguntou se precisávamos de ajuda. Falamos que ele poderia interpretar quando quiséssemos falar com as pessoas ouvintes, perguntar ou explicar e ele participou ali do grupo. Naquele momento não tínhamos amadurecido que aquilo era uma interpretação e aquele papel era de um intérprete. (transcrição 3,35’’ a 4,42’’)

Ana Regina, em sua fala, relata que em 1981 as lideranças surdas presentes no evento realizado no Recife não tinham o amadurecimento necessário à compreensão do que viria a ser um intérprete ou do que seria o ato de interpretar.

No terceiro vídeo analisado é possível assistir a professora surda e pesquisadora do campo da educação, Karin Strobel, que também concedeu entrevista para um documentário. O conteúdo é parte do Projeto OEI/BRA 08/001 - Fortalecimento da Organização do Movimento Social das Pessoas com Deficiência no Brasil e Divulgação de suas Conquistas (BRASIL, 2010). No trecho selecionado para fins deste estudo, o entrevistador contextualiza que na década dos anos 1980 ocorreram importantes fatos que impactaram as lutas das pessoas com deficiência, citando o Ano Internacional das Pessoas Deficientes (1981) e a Assembleia Constituinte (1987). Em seguida, pergunta à professora Karin se ela já atuava no movimento de surdos naquela época e como se dava essa articulação.

Figura 5: Karin Strobel



Eu participava e trabalhava na Comissão de Luta pelos Direitos dos Surdos. Eu ajudei no trabalho dos dois momentos. Havia um intérprete, **Ricardo Sander**. Era um grupo pequeno, na época, que estava lutando pela língua de sinais.

Naquele momento se lutava muito pela comunicação total. O esforço do movimento na época era para tirar a metodologia oralista do ensino. Hoje a gente já trabalha em outra perspectiva, que é a educação bilíngue. (BRASIL, 2010, p. 247)

⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BU2pEEEjltc>

STROBEL (2010)

Fonte do vídeo: Documentário História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil¹⁰

Importante destacar que tanto Antônio Campos quanto Regina Campello citam o funcionário do INES, o Sr. Estevão Francisco em outro momento ao longo dos registros de suas narrativas, mas ambos relatam que a atividade que ele desempenhava era mais como uma forma de mediação, de acompanhamento individual de surdos, e não como uma atuação similar à de interpretação em eventos.

Contextualizando os discursos dos líderes surdos, nesse período, início dos anos de 1980 ocorreram várias "conferências" ou fóruns regionais" que se configuraram como encontros de pessoas com deficiência em diferentes estados do Brasil, nos quais os grupos de reuniram para propor textos, com o objetivo de auxiliar na composição do texto da nova Constituição Federal, que veio a ser aprovada no ano de 1988. Neste sentido, estes encontros mobilizaram um grande movimento democrático para levar para Brasília as reivindicações das pessoas com deficiência, para que fossem apresentadas na Assembleia Constituinte (BRASIL, 2010). A Coordenadoria para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE) foi fundada em 1986 e contribuiu significativamente para o futuro da Libras, a partir da organização de câmaras técnicas.

O Movimento Político das Pessoas com Deficiência, narra-se a trajetória desse movimento político que, como outros, se formaram no contexto da redemocratização brasileira após o regime da ditadura militar. Destacam-se, [...] as estratégias adotadas e os caminhos escolhidos pelo movimento para se fortalecer politicamente, bem como a importância do Ano Internacional das Pessoas Deficientes, instituído pela ONU em 1981, como catalisador dessa organização. (BRASIL, 2010, p. 18)

Os surdos não tinham garantido nesses espaços políticos a presença de intérpretes de línguas de sinais. Ao invés disso, os surdos costumavam ser acompanhados por intérpretes familiares, por professores de surdos e por religiosos que apoiavam o movimento surdo.

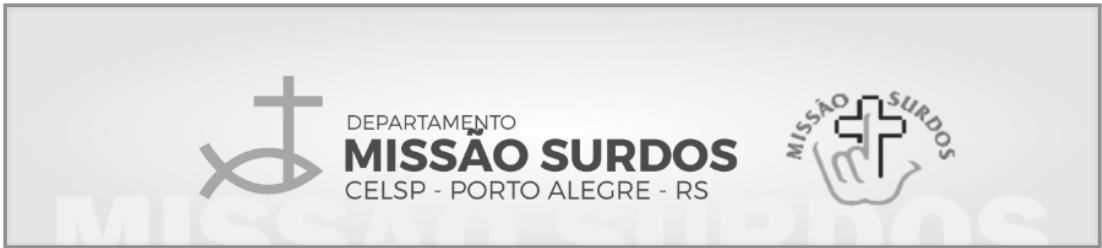
Para Santos, (2010) os intérpretes nos anos 2010 que atuavam no Brasil surgiram, principalmente, em três instâncias: (i) no seio da família, devido à existência de cônjuges, irmãos, pais ou filhos surdos (sendo valorizados e respeitados especialmente os filhos ouvintes de pais surdos que aprenderam língua de sinais em casa, conhecidos como

¹⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YO7sy4FCaCc> e https://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/21097_arquivo.pdf (entrevista escrita).

CODAS¹¹), (ii) nas igrejas, principalmente evangélicas, pela criação de cursos de Libras para a comunidade e necessidade de interpretação nos cultos, e (iii) em cursos livres organizados pelas associações de surdos e/ou pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis). Martins e Nascimento (2015, p. 85), apontam que mais recentemente, a partir da criação de cursos de formação de TILSP no ensino superior, modifica-se paulatinamente esse quadro, despontando pessoas com “interesses diversos de escolha e sem aproximação prévia com o campo da língua de sinais e dos estudos surdos”.

Na página da Missão de Surdos de Porto Alegre – RS da Igreja Luterana do Brasil é possível encontrar um histórico que menciona o trabalho dos pastores Ely Prieto e Ricardo Sander. Apresentamos o excerto na íntegra a seguir (figura 3).

Figura 3: Histórico da Missão surdos



Histórico

A Missão Surdos tem a sua origem na fundação da Escola Especial Concórdia – cuja mantenedora conhecida como CEDA (Centro Educacional para Deficientes Auditivos) atualmente já foi extinta. A escola, hoje chamada Unidade de Ensino Especial Concórdia – ULBRA iniciou no porão da Comunidade Concórdia de Porto Alegre, em 1966, através do casal Martim Warth e Naomi Hoerlle Warth. Os primeiros alunos, os irmãos Sérgio, Ester e Edi Paula Linden, foram inicialmente contatados pela professora da Escola Bíblica Naomi para lhes falar sobre Jesus. Este primeiro contato despertou nela o interesse e o amor pela causa dos surdos. Em 1970, a Congregação São Paulo, decide apoiar o trabalho da escola, justificando ser esta a sua ação social junto à sociedade. Desde então, a congregação participa de forma direta e significativa junto aos surdos.

¹¹ CODAs – Child of Deaf Adults, isto é, os filhos ouvintes de pais surdos.

Em 15 de novembro de 1981, os teologandos Ely Prieto e Ricardo Sander, traduzem o primeiro culto na Comunidade Concórdia, Porto Alegre, usando as mãos para se comunicarem com os surdos – a linguagem de sinais, assim conhecida na época. Na década de 80, a escola passa a usar o método da Comunicação Total (fala, expressão corporal, linguagem de sinais, etc.). Em 1983, a Congregação São Paulo chama o formando em teologia Ely Prieto para ser o pastor na escola (capelão). Mesmo com atividades entre a congregação ouvinte, sua tarefa predominante foi dentro da escola, juntamente com o professor Ricardo Sander.

Fonte: <https://celasp.org.br/departamentos/missao-surdos/>

A partir desse registro histórico é possível apreender que os dois pastores, Ely Prieto e Ricardo Sander, dedicaram no início da sua formação acadêmica e pastoral tempo ao estudo da linguagem de sinais, apoio à educação de surdos e à família de surdos. Neste contexto, permeado a esse trabalho estava a atividade de interpretação simultânea junto à comunidade luterana à qual pertenciam, como apresentado na figura 4, que registra o momento em que um pastor proferia a palavra em português e o outro pastor a interpretava para a linguagem de sinais. Esta foi uma prática bastante inovadora para a época.

Figura 4: Dia dos Pais 1987- Igreja Luterana do Brasil



Fonte: Acervo pessoal de Ricardo Sander cedido para a pesquisa de JUNG (2022)

O fato de a “linguagem de sinais” não ser aceita em todos os espaços, inclusive por algumas famílias de surdos, demonstra a ignorância da sociedade para com este grupo. Atuando exatamente na direção inversa, na igreja se contava com religiosos e

missionários, reconhecidos e recomendados por líderes surdos para o uso e a interpretação da linguagem. Assim, novos membros ouvintes eram escolhidos e passavam por treinamento na própria igreja.

Os membros da igreja, segundo Martins e Nascimento (2015, p. 87), “se voluntariavam para atuar nos chamados ministérios com surdos aprendiam a língua de sinais”, geralmente, “os requisitos exigidos dos missionários-intérpretes no desempenho interpretativo na esfera religiosa passaram [...] a ser aplicados à atuação profissional”.

Nesse sentido, a igreja teve um papel importante na formação inicial dos primeiros intérpretes missionários.

Certamente, o papel fundamental das instituições religiosas protestantes é a formação de um grande número de ouvintes fluentes nessa língua, além de afirmarem sistematicamente a surdez em termos de “cultura”, algo sem paralelo com demais instituições sociais. Nesse processo, são agentes com trajetória religiosa protestante que passara a desempenhar o papel de mediação como intérpretes, intelectuais, ativistas políticos e profissionais vinculados à libras. O que contribuiu definitivamente para a consolidação dessa língua em termos nacionais, bem como o engendramento do discurso que afirma a surdez como particularidade cultural (SILVA, 2024, p. 14).

Este exemplo mostra como a identidade dos intérpretes começou a se constituir, principalmente, com princípios de caridade e afastados da discussão de profissionalização ou acadêmica, mesmo porque o próprio campo dos Estudos da Tradução ou Estudos da Interpretação era incipiente no país. A luta pelo reconhecimento da profissão pelos intérpretes dependia do reconhecimento da Libras e dos direitos das pessoas surdas. Assim, nos anos de 1980 e 1990, os “intérpretes de linguagem de sinais” estavam passos atrás dos intérpretes de línguas orais. Diferentemente, os intérpretes de línguas orais já gozavam de um certo status por atuarem com a língua nacional e línguas estrangeiras.

Um importante fato histórico que vai impactar o campo de atuação de intérpretes de Libras é a fundação da Feneis, no ano de 1987 no Rio de Janeiro. A entidade surge a partir da destituição de outra entidade, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (Feneida), criada no ano de 1977 e cuja gestão não contava com a participação ativa de surdos. Com a criação da Feneis e a efetiva atuação de surdos na diretoria, conseqüentemente a demanda pela interpretação passou a circular nos debates da entidade. Com isso, é criado o departamento de intérpretes alguns anos depois do início das atividades da Feneis.

No ano de 1988 foi criado o Grupo de Trabalho Linguagem e Surdez (GTLS) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll),

atualmente denominado de Grupo de Trabalho Língua Brasileira de Sinais (GT Libras), tendo como membros pesquisadores que também eram intérpretes de língua de sinais composto por membros surdos em que era requerida a presença de intérpretes de língua de sinais. No ano de 1987 criou-se o Grupo de Trabalho de Tradução da ANPOLL [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística]. (ZIPSER, 2013), mas os intérpretes de línguas de sinais não faziam parte das discussões da Tradução.

Tradicionalmente, a interpretação em língua de sinais se desenvolveu como uma área independente da profissionalização de outras línguas de modalidade oral-auditiva. Esse isolamento se edificou ao longo do século XX, principalmente, a partir do seu aprisionamento em discussões da educação e de linguística descritiva. Atualmente, porém, um conjunto de pesquisadores, muitos destes sendo intérpretes fruto dessa primeira geração de profissionais, agrupadas sob a luz dos “Estudos da Tradução” têm demonstrado o quão fundamental é o entendimento de processos interpretativos e discursivos, bem como o seu necessário alinhamento com as pesquisas de tradução mais gerais para o entendimento das formas de traduzir e de formar as novas gerações de intérpretes Libras-português.

Assim, esse novo momento tem oferecido subsídios fundamentais para o desenvolvimento desse campo eminentemente interdisciplinar: a tradução, a interpretação, a formação profissional, dentre outras.

Para fechar essa seção, registramos como as vidas de Ely Prieto e Ricardo Sander tomaram rumos diferentes. São Pioneiros que tiveram um importante papel nas comunidades surdas nos anos de 1980 e 1990.

Em 1991, o pastor Ely Prieto deixa o Brasil para os seus estudos de mestrado nos Estados Unidos e a Missão Surdos passa a ter o pastor Ricardo Sander como capelão junto à escola, compartilhando as aulas de Ensino Religioso com o teologando Klaus Kuchenbecker, o qual se encontrava na escola desde meados de 1989 (CELSP, 2022, s.p.).

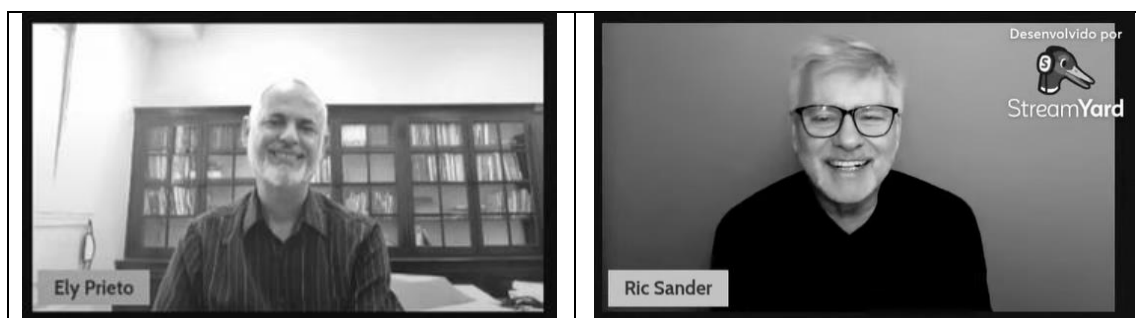
Ely Prieto tem trabalhado nos Estados Unidos. Cursou mestrado em Teologia, (no Concordia Theological Seminary, Fort Wayne, em 1993) e Doutorado em Ministério (pelo Concordia Seminary, em St. Louis, no ano de 2009). Contudo, se distanciou do trabalho com surdos, assumindo o trabalho como Professor Adjunto de Teologia Prática no Concordia Seminary, em St. Louis, além de ser Deão Adjunto para o Ministério Urbano e Transcultural, na Fundação Luterana.

Por sua vez, Ricardo Sander Foi fundador e presidente da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores Intérpretes e Guias-intérpretes de Língua de Sinais, de 2008 a 2011, assumiu que

Em sua trajetória, exerceu influência com sua performance de interpretação em igrejas, escolas especiais e regulares e universidades. Esteve também associado à Comissão pela Luta dos Direitos do Deficiente Auditivo nos anos 1980 e ocupou posições na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (SILVA, 2014, p. 27).

Ricardo concluiu o mestrado na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e fez doutorado pela Universidade do Estado de São Paulo (UNESP de Marília) em 2020. Atualmente, é professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), no campus de Campo Mourão, como professor de Libras.

Figura 4: Ely Prieto e Ricardo Ernani Sander em 2022



Fonte: 3ª Live do Projeto Rodas de Conversas entre TILS¹²

Estes são alguns personagens históricos que a partir de seus atos contribuíram para um campo da vida humana, para o reconhecimento de uma língua e para a consolidação de uma nova profissão no Brasil, que tocaram de forma singular vidas surdas. Não há linearidade na história, não há início e fim e sim vidas singulares fluindo em diferentes espaços e tempos, se cruzando, se distanciando, se constituindo. Retomamos algumas lembranças de líderes surdos sobre o momento de emergência da profissão de tradutor e intérprete de Libras e português no Brasil e o que era exótico se tornou um direito, algo corriqueiro.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mbdFmbT1wMI&t=22s>

Uma história de mãos missionárias às mãos profissionais reverbera quarenta anos de lutas, dedicação e empenho de muitas e muitas pessoas para chegarmos ao momento atual da Educação profissional dos tradutores e intérpretes de Libras e português no Brasil, sem nos esquecer dos pioneiros.

Para fechar esse texto, mas não a história.

Por meio de nossa investigação, constatamos que os “intérpretes de linguagem de sinais” se constituíram historicamente também em meio às entidades religiosas, sendo um importante espaço de formação destes profissionais. Além disso, ficou evidente sua importante contribuição na luta pelo reconhecimento da língua de sinais, no desenvolvimento da educação de surdos e na compreensão da importância dos intérpretes como um direito de serviço público. Nesse sentido, os dados permitem descrever o papel dos intérpretes missionários saindo das igrejas e adentrando aos espaços políticos, contribuindo para a construção da posição de surdos protagonistas ao participarem de movimentos políticos apoiados por intérpretes.

Os ouvintes participantes das comunidades religiosas aprendiam Libras e eram convidados a participar das comunidades surdas religiosas, se tornavam os intermediários naturais, seguindo os princípios da igreja e da família, e por isso, quase sempre, em uma perspectiva paternalista. Historicamente com as políticas públicas de inclusão social e educacional nos anos de 1990, a base legal para a interpretação foi substituída por influências da escola, requerendo-se cursos vinculados aos estabelecimentos de ensino ou à FENEIS, anos de 1990 e 2000. Mais recentemente, o quadro transformou-se para a formação profissional em nível superior, principalmente, após o decreto 5.626 de 2005.

Estes são recortes de memórias de pessoas surdas sobre suas experiências com interpretação em eventos, de forma mais estruturada e visível, sem ser algo fixo como os únicos intérpretes do Brasil. Importante destacar que em diferentes localidades e esferas de comunicação outros intérpretes atuavam na mediação entre surdos e ouvintes nos anos 1980.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRAIT, B. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. **Gragoatá**, v. 11, n. 20, 30 jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33238> Acesso em 29 abr 2021.

BRAIT, B; MELO, R. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 61-78.

BRASIL. Coordenadoria para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Comitê Nacional para a Educação Especial. **Plano Nacional de Ação Conjunta para a Integração da Pessoa Deficiente**. Rio de Janeiro, 1º jul. 1986f.

BRASIL. **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil** / compilado por Mário Cléber Martins Lanna Júnior. - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/Hist%C3%B3ria_do_Movimento_Pol%C3%ADtico_das_Pessoas_com_Defici%C3%Aancia_no_Brasil.pdf?1473201976 Acesso em 20 abril 2023

A **CONSTITUINTE** que os deficientes reivindicam está no documento. Interação, Belo Horizonte, CAAD-MG, ano III, n. 9, 1986.

CAMPELLO, A. R. S. **Entrevista I**. [jul. 2014]. Entrevistador: Silvana Aguiar dos Santos. Florianópolis, 2014. arquivo. (26mim56sec.). Entrevista concedida ao Projeto Entrevistas ACATILS. A entrevista na íntegra encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BU2pEEEjltc> Acesso em 20 mai 2023.

CARNEIRO, T. Intérpretes de línguas orais e intérpretes de Libras: semelhanças e diferenças. **Tradução em Revista**, 23, 2017.2 2. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32233/32233.PDF> Acesso em 20 mai 2023.

CELSP. Missão surdos: <https://celsp.org.br/departamentos/missao-surdos/>

COKELY, D. Shifting Positionality: A Critical Examination of the Turning Point in the Relationship of Interpreters and the Deaf Community. In: MARSCHARK, M.; PETERSON, R.; WINSTON, E. A. (eds). **Sign Language Interpreting and Interpreter Education: Directions for Research and Practice**. New York: Oxford University Press, 2005. p. 3-29. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof/9780195176940.003.0001>.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. tradução Joice Elias Costa. - 3. ed. - Porto Alegre Artmed, 2009. 405 p.

JUNG, A. P. **Trajetórias de intérpretes de Libras-português no Brasil: alteridade constitutiva da profissão**. 2022. 132 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://bu.ufsc.br/teses/PGET0564-D.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

HOEMANN, H.; OATES, E.; HOEMANN, S. (orgs.). **Linguagem de sinais do Brasil**. Porto Alegre: [s.e.], 1983.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

LODI, A. C. B.; PELUSO, L. Reflexões acerca da presença de intérpretes de língua de sinais nos anos iniciais de escolarização. **Bakhtiniana**, São Paulo, 13 (3): 123-141, Set./Dez. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/gFJjwgZwKsRLtT9Bnj5wmRp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 maio 2023.

LODI, A. O intérprete de Língua Brasileira de Sinais /Língua Portuguesa e sua prática em diferentes espaços sociais. In: **IV Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação**. São Paulo, UNIBERO, 2007.

MARTINS, V. R. de O.; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. **Cadernos de Tradução**, volume esp. Florianópolis: UFSC, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p78/30709> . Acesso em 10 de jun. 2022.

PRIETO, E. <https://www.csl.edu/directory/ely-prieto/>

ROCHA, S. M. da. **O INES e a educação de surdos no Brasil**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: INES, dez. 2008.

ROCHA, S. M. da. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos**: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961). Rio de Janeiro. 2009. 160f. Tese. [Doutorado em Educação]. Programa de Pós-Graduação em Educação. Rio de Janeiro: PUC, 2009.

SANTOS, S. A. dos. Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação acadêmica e profissional. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, v. 2, n. 26, p.145-164, 2010. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p145>. Acesso em 21 de mar de 2023.

SILVA, C. A. de A. A constituição da língua brasileira de sinais: considerações sobre a missão protestante com surdos. Dossiê Diversidade, plurilinguismo e interculturalidade. **Revista SURES**. n. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/sures/article/view/143> Acesso em 25 mar 2023.

ZIPSER, M. E. [et al.] **Estudos da tradução II**. Florianópolis: UFSC, DLLE, 2013.

STOKOE, W. **Sign and Culture**: A Reader for Students of American Sign Language. Maryland: Linstok Press, 1960.